

fruta, comida caseira, capim, etc. (9,6%, 7/73) ou apenas capim (6,8%, 5/73). Quanto ao consumo de água, recebiam à vontade (42,5%, 31/73); duas vezes ao dia (38,3%, 28/73); três vezes ao dia (15,1%, 11/73) ou uma vez ao dia (4,1%, 3/73). Quanto à mineralização, recebiam apenas sal de cozinha (42,5%, 31/73); nenhum tipo de mineral (34,2%, 25/73); sal de cozinha e sal mineral (12,3%, 9/73) ou apenas sal mineral (11,0%, 8/73). Concluiu-se que os animais são principalmente da espécie equina, machos, criados soltos e alimentados com dieta desbalanceada.

Palavras-chave: manejo, equinos, asininos, muare.

BEM-ESTAR ANIMAL, BIOÉTICA E DIREITOS DOS ANIMAIS P-340

ÍNDICE DE VACINAÇÃO ANTIRRÁBICA EM EQUÍDEOS DE TRACÇÃO E ÍNDICE DE CONSCIENTIZAÇÃO DE SUA IMPORTÂNCIA NA FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE CASA NOVA-BA

Carina de Castro Santos Mel¹; Amanda Karoline Rodrigues Nunes¹; Juliana Siqueira Magalhães de Oliveira¹; Marcelo Domingues de Faria²; Adriana Gradela²

¹Bolsista PIBIC do Colegiado de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF; ²Docente do Colegiado de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. E-mail: agradela@hotmail.com.

Em Casa Nova-BA, os carroceiros têm papel importante na economia, transportando entulhos, lixo, alimentos e fretes, etc. Além dos problemas relacionados ao bem-estar animal, há o risco de transmissão de zoonoses, como a raiva, e de outras doenças a equídeos de populações controladas. Avaliou-se a espécie e idade dos equídeos e o índice de aceitação da vacinação antirrábica (IAV) e o índice de conscientização de sua importância (ICI) pelos proprietários. Cinco visitas, uma a cada mês, foram realizadas no período de fevereiro a junho de 2013 na feira livre desse município pelo Projeto Carroceiro da UNIVASF. Carroceiros eram convidados a responder a um questionário sobre a espécie e idade do equídeo de tração utilizado, se este recebeu vacinações prévias e a frequência das mesmas. Em seguida, animais a partir de 4 meses de idade recebiam vacinação antirrábica (2 ml de vacina inativada; LaboVet®, Brasil) via IM e, 30 dias depois, a dose de reforço. O IAV foi estimado pelo número de animais vacinados/número de animais atendidos (AV/AT x 100) e o ICI, pelo retorno para aplicação da dose de reforço. Foram cadastrados 42 carroceiros, sendo 27 (64,2 %) no mês de fevereiro; 11 (26,4%) no mês de março; 2 (4,7%) no mês de abril; o (0 %) no mês de maio e 2 (4,7%) no mês de junho. Foram atendidos 73 equídeos de tração, 48,0% (35/73) da espécie equina, 43,8% (32/73) da asinina e 8,2% (6/73) da muar, com idades de 0 a 4 anos (17,8%, 13/73), de 5 a 10 anos (45,2%, 33/73), de 11 a 15 anos (22%, 16/73) e de 16 anos ou mais (15%, 11/73). 100,0% nunca haviam sido vacinados antes (100,0%, 73/73); o IAV foi de 100,0% (73/73) e o ICI de 80,8% (59/73). Conclui-se que os animais utilizados eram, na maioria, equinos e jovens e que a vacinação teve excelente aceitação e alta compreensão de sua importância. Portanto, ações como a do Projeto Carroceiro são essenciais para o controle da raiva junto à população de carroceiros das grandes cidades.

Palavras-chave: equino, asinino, muar, raiva.

BEM-ESTAR ANIMAL, BIOÉTICA E DIREITOS DOS ANIMAIS P-341

MUDANÇA DE COMPORTAMENTO DE ARANHAS (*ACANTHOSCURRIA PARAHYBANA*) APÓS REESTRUTURAÇÃO E ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL DOS RECINTOS

Glenison Ferreira Dias¹; Zara Caroline Raquel de Oliveira¹; Simone Loiola Gomes¹; Zacarias Jacinto de Souza Junior¹; Kaio Viniccius Zacarias Nunes¹; Carlos Iberê Alves Freitas².

¹Estagiário(a) do Laboratório de Estudos em Imunologia e Animais Silvestres – LEIAS/UFERSA; ²Prof. do Departamento de Ciências Animais – UFERSA. E-mail: simone_loiola@hotmail.com

O presente trabalho objetivou detectar o repertório comportamental expresso e comparar o desempenho de aranhas mantidas no LEIAS antes e após o enriquecimento ambiental dos recintos, contribuindo com um estudo preliminar do comportamento da espécie analisada, avaliação do bem-estar de aranhas e aprimorar o manejo dessa espécie. Sete aranhas *A. parahybana*, quatro adultas e três jovens, foram acondicionadas individualmente em recipientes plásticos que apresentavam área de 627 cm² ou de 999 cm², com tampas para evitar a fuga dos animais, sendo que nestas existiam orifícios para promover a circulação do ar. Os animais eram previamente acondicionados apenas com uma folha de papel recobrimo do fundo do espaço e um recipiente de água. Para promover o enriquecimento e mimetizar o ambiente natural, foi composto e adicionado substrato à base de areia, fibras de coco e seixos de rio e, para ambientação e refúgio, folhas, ramos de plantas e quengas de coco (endocarpo). Antes desse enriquecimento ambiental, que foi principalmente físico e sensorial, as aranhas demonstravam movimentos restritos, frequentes comportamentos defensivos de liberação de pelos durante o manuseio e ausência de produção de seda e ooteca. Após a aplicação dos incrementos, foi observado que 54,14% das aranhas produziram seda nas primeiras 24 horas e 100% após 48 horas, além de “grooming.” Um exemplar das mais jovens produziu ooteca 24 horas após ser colocado no novo recinto, não sendo observada ecdise em nenhuma delas. Nos animais de produção, as alterações comportamentais são frequentemente utilizadas como um indicador para a avaliação do bem-estar animal, e nas aranhas isso não é diferente. Os aspectos avaliados demonstram a melhoria do bem-estar desses animais devido à confecção de ambientes que preenchem os requisitos básicos necessários ou mimetizam o seu ambiente natural. Considerando-se os resultados observados, conclui-se que a reestruturação do ambiente teve aceitação, proporcionando conforto aos animais, que apresentaram resultados positivos em relação à saúde física e psicológica das espécies submetidas a esse manejo.

Palavras-chave: caranguejeiras, bem-estar animal.